

Exmo. Sr. Deputado Abel Baptista,

Tendo em conta a minha situação atual, fico muito contente por saber que esta petição chegou finalmente até si. Mais contente fico porque estou em tribunal com o Externato Delfim Ferreira após ter impugnado, a 18 de fevereiro deste ano, o meu despedimento por justa causa, com julgamento marcado para dia 29 de junho, e, para além desta situação, estou convocada à PSP de Vila do Conde, no dia 1 de junho, como denunciada pela Delfinópolis, empresa que gere o Externato Delfim Ferreira. Esta denúncia vem no seguimento de duas ameaças consecutivas feitas pela advogada desta entidade na minha nota de culpa, devido ao facto de eu ter assinado e divulgado, ativamente, no meu perfil facebook, esta petição, alegando «difamação e calúnia».

É verdade que fiz desta petição causa minha por justamente ver nela tudo menos difamação e calúnia. Só tenho de agradecer aos Encarregados de Educação, e não só, por terem criado e divulgado tão intensamente esta petição e por a terem submetido à Assembleia da República. Nunca achei que esta petição viesse por em causa uma casa digna e de valores, como é o Externato Delfim Ferreira, na qual trabalhei 11 anos, mas sim uma petição que somente revela, ao grande público, já em desespero de causa, as atitudes tomadas por dois elementos da Direção.

Esta petição foi lançada a 28 de novembro de 2014, quando o marasmo e o caos já estavam instalados no Curso Profissional de Artes do Espetáculo – Interpretação. Nada previa que este Curso de sucesso fosse chegar a este ponto, apesar do percurso laborioso que, eu e a minha colega e parceira de trabalho direta, Dra. Liliana Moreira, tivemos de enfrentar, ao longo destes dois últimos anos, para conduzir este curso que desde a sua criação, em 2008, tinha vindo a crescer espantosamente, fruto do muito trabalho e paixão da coordenação, equipa técnica, professores, Encarregados de Educação, alunos e inúmeros parceiros. Assim sendo, não é surpreendente que os Encarregados de Educação tenham tido esta iniciativa, assim como a de impedir a ida dos seus educandos à escola durante 15 dias, pois viram que o que foi honestamente construído estava a ser posto seriamente em perigo. A dispensa dos serviços da Dra. Liliana Moreira e a minha suspensão, após várias tentativas em reunir com a Direção Pedagógica do Externato, foi a gota de água que os conduziu a uma ação pública. Não é surpreendente também que esta petição tenha ultrapassado as 4000 assinaturas e tenha recebido tantos apoios e testemunhos de pessoas muito importantes no panorama artístico nacional e internacional.

Penso que para perceber melhor a minha posição conjunta com a da Dra Liliana Moreira, perante as tomadas de decisões das Sras. Diretoras Alzira Pereira e Catarina Guimarães, o melhor seria ler a nossa carta enviada a todos os elementos da direção do Externato, a 24 de outubro de 2014, juntamente com outros documentos da autoria dos Encarregados de Educação, alunos, professores das disciplinas técnicas, e algumas companhias, como o Ensemble, a Turma e o Cão Danado, que tinham um protocolo formalizado com o Curso profissional. Nunca foi nosso intuito prejudicar os alunos e professores, bem pelo contrário, perante aquilo que nos parecia um destruir lento do Curso, melhor dizendo, um esvaziamento da sua qualidade, quisemos expressar a nossa grande

preocupação e, sobretudo, quisemos alertar a Direção para as consequências de tais atitudes. Junto a este e-mail anexo esta carta referida por mim.

Passando à petição: esta começa com um elogio ao curso. Eu própria que o fundei e o dirigi, nunca imaginei que fôssemos atingir o patamar de excelência que atingimos no final do ano letivo anterior. Mas esperava-o! Os nossos alunos têm sucesso nos exames nacionais, entram nos cursos superiores pretendidos ou encontram emprego; mais, crescem humanamente de forma espantosa e isso deve-se ao nosso trabalho e à nossa estreita colaboração com os Encarregados de Educação; tínhamos um número crescente de entidades culturais que conosco assinaram protocolos por acreditarem e valorizarem o nosso trabalho; estávamos a receber cada vez mais propostas de profissionais da área artística a desejarem trabalhar conosco, direta ou indiretamente, na formação dos nossos alunos. Penso que as palavras que algumas dessas pessoas ou entidades deixaram na Petição, ao assiná-la, falam por si como já o referi anteriormente.

A petição continua salientando a relação de trabalho entre todos os intervenientes do Curso, com o apoio estratégico de um grande parceiro: a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Quero salientar a presença constante do Dr. Leonel Rocha, vereador da educação, em praticamente todas as nossas aulas abertas e espetáculos; o apoio incondicional da Câmara através da disponibilidade do espaço para o Curso no Centro da Cidade e do Dr. Álvaro Santos, Diretor da Casa das Artes de Famalicão, na cedência de espaços para ensaios, produções e coproduções das nossas Formações em Contexto de Trabalho e Provas de Aptidão Profissional. Quando a petição se refere «ao deitar por terra» todo o nosso trabalho, está a referir, com certeza, o facto de, em outubro de 2014, o Plano de Atividades do Curso não estar aprovado pela Direção do Externato, o que impedia a elaboração da calendarização das produções do curso, fazendo com que fosse impossível conseguir a mesma disponibilidade de parceiros como a Casa das Artes ou de profissionais. Como diretora de Curso naquela altura posso referir que, o que me foi dito pela direção do Externato, é que nenhuma atividade que implicasse custos poderia ser realizada, porque não havia verbas para o Curso. Obviamente, foi muito difícil e praticamente impossível, não transmitir aos Encarregados de Educação e aos alunos esta informação, pois todos estavam surpreendidos por não saberem rigorosamente nada sobre o decorrer das Atividades para o ano letivo.

Seguidamente é explicado, de forma clara, a situação em que se encontrava o Curso em novembro. A meu ver, o terceiro parágrafo é importante porque mostra, claramente, o que levou Encarregados de Educação, alunos e professores a perceberem rapidamente que as coisas não estavam a correr bem no curso neste presente ano letivo 2014-2015: para além da incógnita total no que dizia respeito ao Plano de Atividades das turmas e do Curso em geral, a mudança brutal da coordenação do Curso, sem explicações nenhuma, nem a mim, nem aos professores, nem a toda a comunidade escolar, com a introdução de dois responsáveis, meus superiores hierárquicos, que, no caso de um deles, diz, em contexto de sala de aulas, aquelas reflexões sobre as pessoas que seguem esta via profissional que é a da Interpretação, alimentaram um péssimo ambiente de trabalho dentro da escola, com atitudes arrogantes para com outros colegas, alunos e Encarregados de Educação, que conduziram à falência do modelo que fazia o sucesso deste Curso em que os alunos vinham com prazer para a escola, mesmo aos fins-de-semana ou feriados. E como é dito na petição, no mesmo dia, melhor, no

mesmo e-mail em que é anunciada aos Encarregado de Educação a minha suspensão, é anunciada a demissão do tal responsável do cargo de coordenador pedagógico do Curso e de Professor, admissão admitida com grande pena pela Direção, pois esta sublinha, nesse mesmo comunicado, que ele é um excelente profissional a todos os níveis. Mesmo após ter sido alertada por mim e ter recebido um e-mail da turma com a qual o professor fez os comentários citados na petição, a Direção do Externato nada fez.

Finalmente, a petição continua e acaba evidenciando o que parece ser o mais importante para o Externato Delfim Ferreira. Prefiro não me alongar nesta parte, a minha carta de dia 24 de outubro é bem clara sobre esta forma de gerir um curso profissional. Mais, teria imensos alunos e Encarregados de Educação a testemunhar as inúmeras vezes em que tive de emprestar dinheiro do meu bolso, para permitir que os alunos pudessem comprar os passes de transporte e virem às aulas, tudo isto devido aos atrasos constantes de pagamento por parte da escola. Mais, eles, assim como os professores, melhores do que eu, poderão explicar como a flexibilização dos horários permitia fazer com que os alunos nunca tivessem furos (a não ser que a falta do docente não me pudesse ser comunicada atempadamente) e pudessem beneficiar de docentes profissionais, todos eles no ativo. Mais, as nossas atividades, desde as produções, aulas abertas, idas ao teatro, sempre em estreita colaboração com os Encarregados de Educação, permitiam a criação e a intensificação de um espírito de respeito, admiração e carinho mútuo entre o corpo docente e os alunos, despertando, nestes últimos, uma vontade de trabalhar ainda mais.

Agora, penso que é importante e muito urgente ouvir os alunos que continuam naquele curso, ouvir os Encarregados de Educação. Continuo a acompanhar a evolução dos meus antigos alunos e a ir com eles ao teatro, continuo em contacto com alguns Encarregados de Educação até porque alguns são testemunhas no meu processo com o Externato Delfim Ferreira, continuo a sentir a vontade de trabalhar de toda a equipa técnica que, após a dispensa da Dra. Liliana Moreira e a minha suspensão, suspenderam as suas aulas. Penso também que é importante ouvir o Dr. Leonel Rocha. Mas o mais importante é dar seguimento ao sonho destes alunos que estão em sofrimento e incrédulos com tudo que vivem neste momento e que muito dificilmente acreditam num final feliz com o rumo que estão a ter as suas queixas.

Tentei ser o mais breve e clara possível, estando inteiramente ao seu dispor para tudo que achar necessário.

Com os meus melhores cumprimentos,

Helena Machado

Vila Nova de Famalicão, 24 de Outubro de 2014

À Direção Pedagógica do Externato Delfim Ferreira

Ex. mos Senhores

O Curso Profissional de Artes do Espetáculo – Interpretação entrou no seu sétimo ano de existência e conseguiu neste curto espaço de tempo uma dimensão, qualidade e reconhecimento incontestáveis, quer em termos da sua formação pedagógica, quer na sua formação artística.

A prová-lo estão os resultados obtidos ao nível do prosseguimento de estudos e os inúmeros convites, pedidos de colaboração e referências, quer para os nossos formandos, quer para o próprio curso.

Para tal contribuíram de forma decisiva, e sem falsas modéstias, a equipa que até ao ano passado coordenou o curso, a excelente equipa técnica de formadores, o apoio incontestável de entidades e parceiros, um respeito enorme pela pessoa do aluno (fim último de todo o processo educativo e formativo) e uma enorme paixão pela arte, neste caso o Teatro.

Ao longo destes anos trabalhámos dedicadamente e intensamente para construir o que temos hoje. Não se olhou a esforços, às horas de trabalho, aos fins de semana e feriados investidos, às horas a fio ao telefone ou no mail, à família e às restantes ocupações. O que nos norteava era o curso, os nossos formandos, o seu crescimento como profissionais e como pessoas. Quisemos sempre mais e melhor para eles, mais oportunidades, melhores formadores, melhores condições para que saíssem da escola com orgulho e capacidade de luta para enfrentarem os desafios que os esperavam. E assim tem acontecido. Esses homens e mulheres têm mostrado a sua capacidade, honrando a sua formação e provando, a toda a equipa, que todo esse esforço valeu a pena.

Inserido no Externato Delfim Ferreira, este curso parecia ter nascido no sítio certo, pois sendo uma escola com provas dadas ao nível dos resultados escolares obtidos, tinha também uma grande tradição ao nível das preocupações artísticas e um trabalho realizado na área do teatro. Mas após estes anos de trabalho o que sentimos é que efetivamente este curso não se enquadra no Externato Delfim Ferreira, pois todo o percurso de sucesso construído foi extremamente penoso e desgastante para todos.

Pensamos que não estaremos a ser incorretas quando dizemos que principalmente este dois últimos anos têm sido um martírio para a equipa que tem coordenado o

curso e para a própria direção pedagógica. Os resultados têm sido fantásticos, mas todo o processo de funcionamento tem sido uma luta constante em que não há vencedores nem vencidos, mas sim duas visões completamente diferentes de um processo educativo.

Esta diferença de perspetivas tem-se vindo a agravar de forma quase insustentável nos últimos dois anos, com a deslocação do curso para Vila Nova de Famalicão. O conflito de perspetivas já existia antes e a vinda para Famalicão procurou por um lado salvar o encerramento garantido do curso naquele ano letivo e por outro permitir esse “respirar” que um curso desta natureza necessita para crescer e se afirmar. Ambos os propósitos foram atingidos e o crescimento, notoriedade do curso e bom trabalho estão à vista de todos e são inquestionáveis. Mas todo esse crescimento e reconhecimento externo veio cavar ainda mais profundamente o fosso que dividia as duas visões.

Neste momento estamos num impasse que urge resolver, pois pensamos que pelo menos haverá um ponto em que todos temos que concordar: a escola, seja ela qual for, existe para estar ao serviço dos alunos. Para eles é que deve nortear todo o processo e é para eles que todos os esforços se devem concentrar.

Se o impasse não se resolver, são os alunos que irão ficar prejudicados e isso, pensamos que estaremos todos de acordo, não poderá, em caso algum, acontecer.

Mas passemos aos factos, que dão origem a este impasse:

**Facto nº 1** – Ao longo destes anos a Direção do EDF não consegue aceitar e operacionalizar que o funcionamento dos cursos profissionais e do curso profissional de artes do espetáculo- interpretação em particular, não é igual ao funcionamento de um curso geral do ensino secundário.

Insistem em usar exatamente as mesmas normas, em não adaptar regulamentos e procedimentos às realidades do curso e quando o fazem, nem sempre operacionalizam e criam condições para o seu efetivo cumprimento.

São exemplos: a não adaptação do regulamento interno do colégio; a quase ausência de referência ao curso no projeto educativo; o sistemático esquecimento ou pouca atenção às exigências funcionais do curso quando se planeiam ou marcam atividades e procedimentos; o péssimo funcionamento e acessibilidade ao e-schooling; as sempre escassas condições de trabalho ao nível da existência de uma biblioteca, do funcionamento da fotocopiadoras, da comunicação com o exterior, ou mesmo o próprio colégio, entre outros.

**Facto nº 2 – O condicionamento de tudo à dimensão financeira. Todos os procedimentos são vistos, analisados, pesados e medidos pela sua dimensão financeira em detrimento da dimensão pedagógica e formativa.**

Conscientes que a dimensão financeira, é sem dúvida uma dimensão importante, torna-se porém difícil aceitar que num curso financiado para que tudo o que o formando necessite lhe possa ser fornecido de forma gratuita, tudo esteja condicionado a essa dimensão, exigindo, mesmo contra normativas do POPH, participações dos alunos consideráveis e recusando pagar, por limitações de ordem financeira, recursos básicos e essenciais ao funcionamento do curso. Quando a recusa não acontece, todo o processo é sempre muito lento, difícil, penoso, raiando muitas vezes o insuportável e estando na origem dos muitos problemas, conflitos e mesmo perda de formadores.

São exemplos: os atrasos de pagamentos aos formandos justificados com cada vez maiores exigências de documentação, comprovativos, etc., etc.; a exigência de que os formandos paguem livros, seguro, fotocópias e adiantem os pagamentos dos transportes; a odisséia que é realizar uma FCT; os problemas constantes com os transportes e as idas ao teatro; o longo e difícil processo burocrático que é comprar seja o que for; as notícias de cortes ao nível financeiros que não correspondem à realidade; as negociações infundáveis por cada atividade realizada; procedimentos nem sempre muito claros ao nível das faltas dos alunos, no que respeita aos pedidos de reembolso; a recusa em pagar reuniões aos professores externos e a dificuldade em se pagar horas extras; etc...etc...

**Facto 3 – O péssimo e permanente clima de mal-estar, desconfiança e falta de respeito pelas pessoas e de reconhecimento pelo seu trabalho.** Derivado fundamentalmente dos problemas relatados nos factos anteriores o clima das relações institucionais é muito mau, em que a desconfiança e a falta de respeito são uma constante.

A equipa procura, junto dos formandos, que este clima não se repercuta, mas há momentos em que isso é completamente impossível, condicionando claramente o ambiente de trabalho.

São exemplos: o tom arrogante, prepotente e autoritário em que as comunicações são realizadas, com especial destaque para as comunicações escritas nos últimos tempos à Diretora do Curso; as chamadas de atenção verbais em reuniões e em particular, em que o erro está sempre do lado dos outros; a dificuldade em obter a resposta a mails e pedidos de reunião ou a pedido de decisões; o clima de medo e de pressão que os funcionários e mesmo professores sofrem diariamente; a construção intencional de uma imagem negativa do curso, junto da comunidade escolar da escola sede; a inexistência de medidas (uma que seja), dirigidas ao bem estar dos formandos, que

não seja solicitada ou obrigatória; a ausência sistemática de elementos da direção pedagógica nas aulas abertas e apresentações dos formandos; o desconhecimento e desvalorização dos sucesso dos formandos quando frequentam e após saírem da escola; a preocupação permanente e obsessiva com as designações do curso, da escola e com os equipamentos; a falta de respeito pelo processo formativo, os formandos e profissionais, chegando a encerrar a escola, para a realização de uma reunião, deixando os formandos sem aulas e pedindo aos formadores que sumariam as aulas todas, entre outras.

**Facto 4 – A total desvalorização da importância dos parceiros e do caráter regional do curso.** Os parceiros de um curso profissional são determinantes para a aprovação de uma candidatura ao POPH.

O curso possui um vasto leque de parceiros, que contribuem não só com os seus excelentes profissionais como formadores, como apoiam, por vezes de forma determinante o desenvolvimento do curso e das suas atividades, além de que constituem, em muitos casos, os primeiros empregadores dos nossos formandos. Estão entre os principais a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, o Teatro Nacional de S. João e as companhias de teatro com formadores no curso. Não precisamos expor o enorme apoio que estas instituições têm dado ao curso, mas a Direção sistematicamente o desvaloriza e muitas vezes põe em causa a excelente relação que a equipa e o curso têm com os parceiros, como se a escola não fosse a mesma. Por outro lado parece não haver a noção que 69% dos alunos que frequentam o 10º ano são de outros concelhos, dando naturalmente ao curso um caráter regional que não se pode escamotear. É esse caráter regional e a qualidade reconhecida que têm garantido a manutenção do curso no EDF.

São exemplos: a desvalorização e mesmo desconfiança em relação aos apoios vindos da Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, chegando atualmente a colocar em risco as três coproduções que se podem fazer com a Casa das Artes; a desvalorização e mesmo falta de respeito pelo protocolo com o Teatro Nacional de S. João, que proporcionava excelentes condições aos formandos ao nível da assistência a espetáculos; o pouco respeito com que são tratadas as companhias que colaboram com o curso no desenvolvimento de excelentes atividades; a ligeireza com que se colocam possíveis cenários futuros do curso, sem a noção das implicações a todos os níveis.

**Facto 5 – A mudança inesperada da equipa coordenadora do curso.** No final do ano letivo anterior foi realizada uma mudança inesperada e significativa na equipa coordenadora, afastando a pessoa que apoiava a Diretora do Curso e iniciando um

processo de progressivo esvaziamento das funções da Diretora de Curso. Foram substituídas por duas pessoas hierarquicamente superiores: a Coordenadora dos Cursos Profissionais e o Coordenador Pedagógico.

Estas mudanças provocaram naturalmente efeitos e reações, não estando a sua integração no curso a ser fácil, colocando em causa toda a dinâmica e trabalho até então realizados e que levou o curso até ao reconhecimento que tem hoje.

São exemplos: a ausência de qualquer vontade e tentativa por parte dos novos elementos em se integrarem na equipa que estava em funcionamento, entrando com uma atitude fiscalizadora e autoritária; a falta grave de ética profissional, de respeito pelos colegas de trabalho e atitudes e comunicações no mínimo inaceitáveis, por parte do Coordenador Pedagógico, em contexto de sala de aula junto dos formandos; o envolvimento dos formandos em situações que não têm claramente a ver com eles, mas sim com o funcionamento do curso e as relações na equipa pedagógica; a não comunicação aos pais e encarregados da educação e aos parceiros das mudanças de equipa; a completa e total desvalorização e mesmo corte com toda a dinâmica de funcionamento anterior, condicionando negativamente o clima escolar e aumentando, em alguns casos de forma muito grave, a insegurança e ansiedade de alguns formandos, expressa nas queixas de alguns encarregados da educação.

Tudo isto são factos fundamentados, que podem ser provados e que expressam de forma clara o enorme e significativo impasse a que se chegou.

Pode-se concluir e pensamos que todos estaremos de acordo que:

- Os formandos não estão satisfeitos e sentem-se inseguros pois todo o clima de trabalho mudou...
- Os pais do 11º e 12º não estão satisfeitos, pois sentem os filhos pela primeira vez tristes, desmotivados e inseguros...
- Os pais do 10º ano não estão satisfeitos, pois sentem que a escola não está a corresponder às expectativas e os filhos apesar de adorarem a escola, sentem-se perdidos com o ambiente que se criou nestas duas últimas semanas...
- Os formadores da componente técnica não estão satisfeitos, pois todo o projeto educativo está a ser ameaçado...
- Os parceiros, nomeadamente Teatro Nacional de S. João, Companhias de Teatro, Casa das Artes e Câmara Municipal mostram-se muito preocupados, questionando sobre a continuidade das colaborações e parcerias e a manutenção e qualidade do projeto educativo que tão bem conhecem e valorizam...

- O Externato não está satisfeito pois todo o processo é sempre difícil e desgastante.

Urge parar, refletir e tomar decisões para superar o impasse criado. É fundamental juntar os membros da comunidade escolar e partir rapidamente para uma solução, pois mais uma vez lembramos que o que está em causa são os alunos e a qualidade da formação que lhes é ministrada.

Concordamos com a Dra Alzira quando ela afirma que perante este impasse só há três soluções possíveis: ou o curso regressa para Riba de Ave, ou o curso acaba, ou o oferecem à Câmara de Vila Nova de Famalicão.

Não nos cabe a nós decidir qual será a melhor solução, mas podemos afirmar que por nós o curso não acabará e que nos envolveremos como sempre fizemos de alma e coração na sua sobrevivência, procurando outras formas e recursos para o fazer continuar. Deixar cair um curso com esta visibilidade, qualidade e reconhecimento não contribuiria, em nada, para o bom nome e imagem do colégio.

Sabemos também que o regresso a Riba de Ave não irá resolver os problemas que se têm perpetuado ao longo dos anos e definitivamente, traria outros, não contaria com a equipa de formadores técnicos a que nos orgulhamos de pertencer, perdendo naturalmente parceiros e formadores de competência reconhecida, além de perder imensos formandos por questões de acessibilidade. Perdendo qualidade, parceiros e formandos, a sua possibilidade de sobrevivência ficaria condicionada. Este cenário traria naturalmente muita instabilidade aos formandos e dificilmente seriam processos pacíficos e sem consequências na imagem do colégio.

Finalmente a terceira solução poderia ser uma solução em que todos poderiam sair satisfeitos, na medida em que com serenidade e racionalidade se pensaria numa solução de transição em que o bom nome do colégio ficasse preservado e a qualidade, dinâmica e estabilidade da formação e dos formandos não sofresse grandes condicionamentos. Um processo de autonomização programado, à luz do que fez o INA há muitos anos, com a ARTAVE e a OFICINA, em parceria com a Câmara Municipal e outras entidades, em que o projeto educativo artístico pudesse ser desenvolvido sem os constrangimentos atuais, poderia ser uma solução inteligente e em que todos ficariam satisfeitos e o prejuízo dos alunos extremamente reduzido.

A situação de gestão do curso tem que ser alterada. Existe um processo muito grave e sério para resolver, em relação às atitudes e comunicações do Coordenador Pedagógico, que não pode ser ignorado e não tem cabimento o retorno ao passado, retomando antigas medidas ou definindo soluções paliativas que irão perpetuar o clima de tensão até agora vivido. É fundamental partir rapidamente para soluções claras, objetivas e definitivas, pois de outra maneira a possibilidade de se tomarem posições e atitudes mais radicais surge quase automaticamente. O clima é de grande

tensão e a análise da situação com ponderação e eficiência é determinante para efetivamente tudo se resolver da melhor forma para todos.

Assim sugerimos que se realize uma reunião com caráter de urgência na Escola de Teatro com a presença da Direção Pedagógica, da Coordenadora dos Cursos Profissionais, do Coordenador Pedagógico, da Diretora do Curso, da Psicóloga, de dois representantes dos professores da componente técnica, de três representantes dos pais/encarregados da educação (10º, 11º e 12º anos), de três representantes dos alunos (10º, 11º e 12º anos), de dois representantes dos principais parceiros, naturalmente a Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão e o Teatro Nacional de S. João.

Além deste documento são ainda enviados outros documentos dos restantes membros da comunidade escolar e parceiros que demonstram a situação crítica que se vive neste momento no curso. Estes documentos foram enviados em simultâneo para a Administração, Direção Pedagógica, os professores da componente técnica, os representantes dos pais e os dois parceiros anteriormente nomeados.

Caso a reunião não se realize rapidamente, não podemos garantir que, atendendo à situação de tensão e de indefinição do curso, não sejam tomadas posições mais extremas e expressivas.

Numa tentativa sincera, mas firme, de resolução desta insustentável situação com o menor prejuízo para todos e principalmente para os alunos.

Subscrevemo-nos atentamente

A Diretora do Curso – Helena Machado

A Psicóloga – Liliana Moreira